

Zero Hora, 14 de janeiro de 2016



SEM SOBRESSALTOS**PEDRO DUTRA FONSECA**

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

A substituição de Joaquim Levy por Nelson Barbosa no Ministério da Fazenda foi comemorada por alguns, críticos da recessão e ansiosos por crescimento, mas trouxe preocupação a outros, temerosos com o afrouxamento do combate à inflação. Ouso arriscar que ambos podem estar equivocados, pois o cenário plausível é a continuidade da política econômica, sem sobressaltos, a menos que variáveis “exógenas” atuem, como o aprofundamento da crise internacional, dos desacertos na área política e da pressão dos movimentos sociais, sem contar a mão direta da presidente.

Embora Barbosa provenha de tradição mais heterodoxa que Levy (formação na UFRJ e na New School de Nova York), está longe de ser radical e, dificilmente, pode-se considerá-lo “desenvolvimentista”, rótulos que ele mesmo dispensa. Após romper com Mantega, aproximou-se gradualmente da ortodoxia. Sua diferença com Levy é mais uma questão de dosagem. Este errou ao prever que uma desaceleração acalmaria a inflação e traria crescimento já em 2016; e equivocou-se na dose, pois adicionou medidas

recessivas a uma tendência já de desaquecimento, de modo que 2015 fecha com a maior queda do PIB desde a Grande Depressão de 1929. Barbosa acredita no mesmo diagnóstico e, portanto, nos remédios: não é jogo retórico vir afirmando que, no centro da inflação, está o déficit público; nem mesmo a polêmica CPMF foi abandonada, e as reformas, como a previdenciária e trabalhista, foram reafirmadas. Por certo contam seu caráter mais negociador e o fato de admitir estímulos, como o recente à construção civil; mas são mais questão de estilo, não sugerem mudanças substantivas.

O teste virá na próxima reunião do Copom. Embora este goze no Brasil de ampla autonomia, na prática age em sintonia com a Fazenda. Se mais uma vez aumentar a Selic, confirmaremos que o caminho trilhado não se alterou. E seguiremos na estratégia duvidosa de querer segurar com mais juros uma inflação que não é de demanda, mas pressionada por preços administrados e desvalorização cambial, sem contar os componentes inercial (como salários e aluguéis) e expectativas (crise política). Aguardemos.